

COR, NATUREZA E CONHECIMENTO

NO CURSO ARISTOTÉLICO JESUÍTA CONIMBRICENSE
(1592-1606)

MARIA DA CONCEIÇÃO CAMPS
MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ΦDEIA



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

DIREÇÃO

Maria Luísa Portocarrero
Diogo Ferrer

CONSELHO CIENTÍFICO

Alexandre Franco de Sá | Universidade de Coimbra
Angelica Nuzzo | City University of New York
Birgit Sandkaulen | Ruhr-Universität Bochum
Christoph Asmuth | Technische Universität Berlin
Giuseppe Duso | Università di Padova
Jean-Christophe Goddard | Université de Toulouse-Le Mirail
Jephrey Barash | Université de Picardie
Jerôme Porée | Université de Rennes
José Manuel Martins | Universidade de Évora
Karin de Boer | Katholieke Universiteit Leuven
Luís Nascimento | Universidade Federal de São Carlos
Luís Umbelino | Universidade de Coimbra
Marcelino Villaverde | Universidade de Santiago de Compostela
Stephen Houlgate | University of Warwick

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA

Simões e Linhares, Lda

ISBN

978-989-26-1106-8

ISBN DIGITAL

978-989-26-1107-5

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1107-5>

DEPÓSITO LEGAL

406931/16

COR, NATUREZA E CONHECIMENTO

NO CURSO ARISTOTÉLICO JESUÍTA CONIMBRICENSE
(1592-1606)

MARIA DA CONCEIÇÃO CAMPS
MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SUMÁRIO

Apresentação	7
I. <i>A Cor segundo Manuel de Góis: Nos Alvores da Modernidade</i>	11
1. Introdução	11
2. Sobre a natureza da cor. Rápido panorama.	12
3. A natureza da luz e da cor no Curso Jesuíta Conimbricense.	16
4. As cores verdadeiras e aparentes no Comentário Jesuíta Conimbricense de Manuel de Góis ao <i>De Anima</i> e no Comentário ao <i>De Anima</i> de Francisco Suárez	20
5. Diferenças doutrinárias entre as duas tipologias ibéricas.....	24
6. Pontes com a modernidade: a teoria das cores de Goethe	26
7. Conclusão	29
II. <i>A absolução da Natureza e a Natureza do Humano: dois motivos nucleares do Curso Jesuíta Conimbricense</i>	31
1. Preâmbulo: absolução da natureza e diferença antropológica	31
2. A preponderância da filosofia natural.	32
3. Naturezas da natureza (N1, N2, e N3).	34
3.1. “Natureza” em sentido formal (N1).....	35
3.2. Natureza em sentido material (N2).....	37
3.3. “Natureza” em sentido antropológico-teológico (N3).....	38
4. Arte e Natureza (N4). Beleza e Geometria	40
4.1. Criacionismo e causalidade.....	44
4.2. O princípio da unidade e o motivo da hierarquia/harmonia	46

4.3. O princípio da finalidade e o motivo da “lei eterna” (ou liberdade).....	49
4.4. O princípio da plenitude e o motivo da absolução da Natureza.....	53
5. Resumo conclusivo	57
III. <i>Da metafísica do conhecimento à separação do conhecimento ('secundum separabilitatem')</i>	59
1. Uma questão de método	59
2. ‘Psicologia’ e Imortalidade: o contexto do <i>Tractatus</i>	61
3. O que Aristóteles tem que ver com a separação?	67
4. A separação do conhecimento	70
5. Aristóteles, a certeza e a distinção	76
Bibliografia de Referência.....	79
Índice de Referências do Curso Jesuíta Conimbricense.....	91
Índices Onomástico e Analítico.....	93

APRESENTAÇÃO

Reúnem-se neste volume três estudos inéditos que se debruçam sobre a obra de filosofia mais internacional alguma vez escrita em Portugal, e pela mão de filósofos portugueses, de seu nome: Manuel de Góis (1543-1597), Baltasar Álvares (1560-1630) e Sebastião do Couto (1567-1639). A obra a que nos referimos é universalmente conhecida pelo seu título coletivo geral, *Curso do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus sobre os Livros de Aristóteles, o Estagirita* (1592-1606). A história desta colossal iniciativa filosófica já foi feita, pelo que basta remeter o leitor mais interessado para a Bibliografia no final do presente volume.

Embora sejam três os principais temas abordados pela monografia vertente – cor, natureza e conhecimento –, tal como também três os autores objeto do estudo, no seu todo estamos perante uma indiscutível unidade temática. Os três temas devidamente analisados pertencem ao arco de trabalho e de pensamento que vai da filosofia natural à metafísica. Aliás, escusado seria dizê-lo, mas essa dimensão foi sobremaneira posta em pano de fundo pela obra de M. Heidegger, a física aristotélica é sempre e já uma metafísica. O leitor mais desprevenido ou menos avisado poderia pensar estarmos perante uma obra datada, não obstante a sua invulgar e invejável divulgação europeia (do Atlântico aos Urais) e intercontinental (no Brasil e na China). Os três estudos ora publicados procuram manifestar a produtividade histórico-filosófica de algumas temáticas ou páginas do *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense*. Na realidade, uma

II. A ABSOLUÇÃO DA NATUREZA E A NATUREZA DO HUMANO. DOIS MOTIVOS NUCLEARES DO CURSO JESUÍTA CONIMBRICENSE

«O belo é o excesso do ser e da verdade (...) e este excesso exhibe o ser na sua plenitude (...); o artista, o filósofo, o homem de ciência, tendem para Deus.»

Fernando Gil (comentado Leibniz), *Modos da Evidência*, p. 437

1. Preâmbulo: absolução da natureza e diferença antropológica

Este segundo estudo abre com uma pergunta assaz direta: como falar com justiça sobre 3362 páginas da obra filosófica concebida em Coimbra, pelos jesuítas portugueses, durante os anos em que Cervantes, depois de passar por Lisboa, publica *La Galatea* e acaba aprisionado em Sevilha onde engendra o *Quijote*? Ou, se quisermos: no tempo em que nos *Diálogos* dedicados à gesta nacional, à “glória e triunfo dos Lusitanos”, Frei Amador Arrais luta já inglória ou funebremente com a ideia de decadência. O que dizer, enfim, sobre a natureza tal como ela comparece numa obra, como o *Curso Aristotélico Conimbricense*, que tem sido visto, vulgar e apressadamente, como retrógrado na filosofia e na ciência? Talvez apreciando sob uma perspetiva renovada tantos milhares de páginas que, sendo embora um comentário a Aristóteles, combinam – hoje diríamos interdisciplinarmente – teologia, filosofia, história, geografia, medicina, experiência comum, astronomia, folclore,

etc. Os volumes publicados, da principal responsabilidade de Manuel de Góis, foram antecidos por todo um trabalho diversificado e ainda inédito sobre filosofia natural de alguns mestres cujos nomes mais ou menos conhecemos, como Marcos Jorge, nos anos cinquenta (1556-59); Nicolau Gracida (1562) e Pedro Gomez, também em Coimbra, e Inácio de Tolosa (1568), Luís Alvarez e Pedro Luís (1566), em Évora, todos estes cinco lecionando nos anos sessenta; Lourenço Fernandes (1577), em Évora, para os anos setenta; nas décadas de oitenta, alguns jesuítas de Évora, como António de Vasconcelos (1583), Gaspar Vaz (1581-85), António de Castelbranco (1587), Manuel de Lima (1588-89) e Vasco Baptista (1584); por fim, nos anos noventa: Luís de Carvalho (1590) e António Fernandes (1591), em Évora, e em Coimbra Cristóvão Egídio (1590).

A proposta deste segundo capítulo será a de levar a cabo o desiderato acabado de enunciar seguindo duas vias. Uma primeira, aqui ilustrada mediante o neologismo, *absolução* (do latim *absolutio*), encontrado na melhor terminologia da obra que vai ser analisada, entendendo-o como o culminar de um processo na absolutização de uma ideia de natureza determinada pelos motivos da perfeição e da completude e, portanto, de alguma maneira, confrontando-nos com o problema da situação dos jesuítas portugueses na história da filosofia e da ciência. Uma segunda, mais telegráfica, sobre a natureza do humano, a fim de mostrar uma rutura com a ordem da necessidade a partir do próprio quadro da natureza física, enquanto um momento incisivo na história da liberdade. Chamar-lhe-emos, à falta de melhor palavra, *diferença antropológica*.

2. A preponderância da filosofia natural.

Começamos por reparar que em todo o Curso Jesuíta Conimbricense só cerca de 900 páginas é que não se dedicam à física! Por outras palavras, se excluirmos os volumes dedicados à lógica, à ética e um

tratado explicitamente de teor metafísico contabilizamos 2462 páginas. Dito de outra maneira: mais de 73% do Curso ocupa-se de filosofia natural. A preponderância da natureza é, por isso, literariamente avassaladora, o que revela uma indisfarçável absolutização temática, algo assim como que se “filosofia” fosse sinónimo de “física”. Não o é, evidentemente, e os autores, no caso, sobretudo Manuel de Góis, têm da semântica de *natura* um larguíssimo registo: (i) natureza naturante, i.e., Deus; (ii) quiddidade ou essência; (iii) totalidade das coisas criadas; (iv) infinita ordem das causas naturais; (v) mistos formados pelas quatro primeiras qualidades. Contudo, o facto de os Jesuítas fecharem este texto essencial da *Physica* II privilegiando a significação etimológica – acolhendo termos como “*physis*”, “*nativitas*”, “*generatio*” ou ainda “*internum rei principium*”⁴⁵ – não deixa de ser revelador da hegemonia da física. Sobretudo, frente à habitual dispersão filosófica de opiniões a respeito da natureza⁴⁶, os volumes do Curso nunca regeiam a possibilidade de se conhecer realmente a *physis*⁴⁷, tal como de um ponto de vista polémico visam denunciar os denominados “caluniadores da natureza”⁴⁸. Confirmando isto temos a surpreendentemente demorada discussão sobre a verdadeira cientificidade da filosofia natural. A resposta afirmativa de Góis à pergunta “*Sit ne philosophia naturalis vere ac proprie scientia, an non?*” assenta em quatro ordens de razões, que devemos decifrar como um pleito pela autonomia da filosofia natural frente às ameaças neotéricas, como as de Antonio Bernardi, interpretadas em Coimbra como uma anulação do pluralismo epistemológico. Eis essas razões: porque uma tal ciência conhece os efeitos por causas necessárias, porque a sua necessidade e certeza são *a priori*, porque conhece as propriedades daquilo que

⁴⁵ PhIc2q1a1pp. 217-18.

⁴⁶ Cf. A. Coxito, *Estudos sobre Filosofia em Portugal no Século XVI* (Lisboa 2005), pp. 361-62.

⁴⁷ PhIc2exp215.

⁴⁸ GcIIc8q3a2p452.

muda pela natureza e essência disso mesmo, e porque é capaz de conhecer a permanência na mutabilidade⁴⁹.

Qualquer leitor de Aristóteles sabe que este tipo de cientificidade é alheio ao paradigma moderno. Será decerto também tendo isto em mente que o leitor não se escandaliza que a pergunta do início deste capítulo seja compatível com páginas espantosas, por vários motivos, discutindo com maior ou menor seriedade temas de pasmarmos, e tão bizarros para nós hoje em dia, como, entre muitos mais: é possível ver a água por baixo da terra? Os cabelos e as unhas têm vida? Que poder admirável têm os rios, os lagos e as fontes? Os demónios podem gerar, caso se deitem com mulheres? Por que é que sobretudo quem tem duas pupilas em cada um dos olhos consegue ter a capacidade de fascinar? Por que é que quando bocejamos, não temos vontade de coçar a orelha?

3. Naturezas da natureza (N_1 , N_2 , e N_3).

À parte estes ou outros inúmeros *mirabilia*, se quiséssemos falar de um modo tradicional dos conceitos de natureza que encontramos no Curso Jesuíta Conimbricense enfrentaríamos uma tarefa meritória, complexa mas talvez monótona. Sobre a complexidade da tarefa, bastar-nos-ia o aviso de Christoph Sturm (1689) (*Philosophia eleatica* 1689) a respeito da variação semântica do vocábulo “natura”, que também se encontra, como vimos, em Coimbra. Por isso ele propunha, no que era acompanhado pelo contemporâneo e célebre cientista Robert Boyle, o abandono de tal vocábulo⁵⁰. Mas se passássemos ao mérito da tarefa,

⁴⁹ Phprq2p18-20; sobre A. Bernardi, vd. M. Forlivesi (a cura di), *Antonio Bernardi della Mirandola (1502-1565). Un aristotelico umanista alla corte dei Farnese*. Atti del convegno “Antonio Bernardi nel V centenario della nascita” (Mirandola, 30 novembre 2002), Firenze 2009.

⁵⁰ R. Spaemann, “Natura”, in H. Krings et al. (a cura di), *Concetti Fondamentali di Filosofia*, ed. italiana a cura di G. Penzo, Brescia 1982, vol. 2, pp. 1326; sobre o tema, sobre o qual aliás existe uma vasta bibliografia, apontaria tão-só Jean Ehrard, *L’Idée*

toparíamos de alguma maneira com as duas aceções que Kant registou nos *Princípios Metafísicos da Ciência Natural*. Como é sabido o filósofo de Koenigsberg havia distinguido entre natureza em sentido formal – “primeiro princípio interno de tudo o que pertence à existência de uma coisa” (designá-la-emos por N₁)⁵¹ – e natureza em sentido material (aqui N₂), esta última entendida “como o conjunto de todas as coisas, enquanto podem ser objetos dos nossos sentidos e portanto da experiência, pela qual compreendemos a totalidade dos fenómenos, isto é o mundo sensível com exclusão de todos os objetos não sensíveis”⁵².

3.1. “Natureza” em sentido formal (N₁).

Alguns exemplos da centena de ocorrências de N₁, na longínqua esteira da aceção ciceroniana de “natura”: a alusão à “natureza da dialética”⁵³, tal como à “natureza dos cometas”⁵⁴, ou também à “natureza da luz e da cor”⁵⁵. Genericamente, trata-se aqui da receção de

de Nature en France dans la première moitié du XVIIIe siècle, Paris Genève 1981; Pedro Calafate, *A ideia de Natureza no século XVIII em Portugal*, Lisboa 1994; Dennis Des Chene, *Physiologia. Natural Philosophy in Late Aristotelianism and Cartesian Thought*, Ithaca-London, 1996, sobretudo pp. 212-251; Id. “From natural philosophy to natural science”, in D. Rutherford (ed.), *The Cambridge Companion to Early Modern Philosophy*, Cambridge, 2006, pp. 67-94; e, naturalmente, o estudo de Amândio Coxito “Natureza, Arte, Acaso e Finalidade na ‘Física’ do Curso Conimbricense” *Revista Filosófica de Coimbra* 12 (2003), pp. 39-68 [agora também in Id., *Estudos sobre a Filosofia em Portugal...*, pp. 355-390].

⁵¹ I. Kant, *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaft* (ed. Kant’s Gesammelte Schriften - Ak. Bd. IV, Berlin 1911), p. 467 (agora também in: <http://korpora.org/Kant/aa04/467.html>): “Wenn das Wort Natur blos in formaler Bedeutung genommen wird, da es das erste, innere Princip alles dessen bedeutet, was zum Dasein eines Dinges gehört...”

⁵² I. Kant, *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaft*, p. 467: “Sonst wird aber auch Natur in materieller Bedeutung genommen, nicht als eine Beschaffenheit, sondern als der Inbegriff aller Dinge, so fern sie Gegenstände unserer Sinne, mithin auch der Erfahrung sein können, worunter also das ganze aller Erscheinungen, d. i. die Sinnenwelt mit Ausschließung aller nicht sinnlichen Objete, verstanden wird.”

⁵³ D1prq4a1p20.

⁵⁴ MetIIIc1p24.

⁵⁵ AnIIc7q2p168. Veja-se *supra* Capítulo I.

Avicena mas sobretudo do próprio texto juvenil tomasino de introdução à metafísica, o *De Ente et Essentia*. No célebre § 3 do capítulo inicial do seu opúsculo Tomás de Aquino avisava querer esclarecer: (i) a razão pela qual os filósofos substituíram o termo “essência” pelo de “quiddidade”; (ii) o facto de se chamar também forma”; (iii) finalmente, a atribuição do nome “natureza”, recordando o primeiro dos quatro sentidos de Boécio; quer dizer, quando, mediante o vocábulo latino *natura*, “se diz tudo o que de qualquer maneira o intelecto pode captar”. E, apelando para o livro V da *Metafísica*, o Aquinate acabava por concluir que “toda a essência é natureza”⁵⁶.

Em Coimbra repetir-se-á a diferença entre “essência”, “quiddidade” e “natureza”, como relação (*ordo*), respetivamente: ao ser da coisa tal como é (*ordinem ad esse rei, cuius est*); à definição, pela qual se explica o que a coisa é (*ad definitionem, qua quid res sit explicatur*), e à operação (*ad operationem*)⁵⁷. Com base nisto poderíamos lembrar a sugestão do jesuíta Martinho de Olave, em 1553, recomendando o estudo do *De ente et essentia*, por ser, explicava ele, “como que um compêndio do que há de mais útil na metafísica”. No entanto, e apesar de os Jesuítas de Coimbra nunca terem chegado a publicar qualquer comentário à *Metafísica* de Aristóteles, temos por seguro, a partir de testemunhos internos, que os Livros IV, V e IX, pelo menos, ou estavam preparados ou gizados⁵⁸.

⁵⁶ Cf. T.de Aquino, *De Ente et Essentia*: “o termo ‘natureza’, nesta aceção, parece significar a essência de uma coisa enquanto mantém uma relação com a própria atividade, uma vez que nada é desprovido de uma atividade própria.” (in *Tomás de Aquino. O Ente e a Essência*. Nova tradução do latim de Mário Santiago de Carvalho, in <http://www.ief.uc.pt/UserFiles/stomasdeente.pdf>)

⁵⁷ PhIIc1q1a1p203 . Também PhIIc1q1a1p218: “Quanquam si proprie loquamur hoc est discrimen inter essentiam, quidditatem et naturam, quod essentia importat ordinem ad esse rei, cuius est; quidditas ad definitionem, qua quid res sit explicatur; natura ad operationem.” Cf. D. Des Chene, *Physiologia...* p. 232, que ignora a relação com o opúsculo tomasino.

⁵⁸ Cf. M.S. de Carvalho, «Tra Fonseca e Suárez: una metafísica incompiuta a Coimbra» *Quaestio. Annuario di storia della metafísica* 9 (2009), pp. 41-59.

CoIIc8q3a3: II n135
CoIIc13exp: II n126
CoIIc14exp: II n129, n130
CoIIc14q1a1: II n130

Di:

Diprq1a1: II n97
Diprq2a2: II n139
Diprq4a1: II n51

Et:

Etd2q2a2: II n125
Etd4q3a4: II n108, n 109, n110

Gc:

GcIc3exp: II n118
GcIc4q4a2: II n149
GcIc4q8a1: III n211
GcIc4q15a1p103: III n213
GcIc4q16a5: II n103, n120
GcIc4q21a1-2: III n211
GcIc4q29a1: II n82
GcIc5q3a3: II n80, n81
GcIc5q4a2: II n100
GcIc9q3a2: II n100
GcIc5q3a1: II n132
GcIIc8q6a2: II n102
GcIIc3q3a1-4: I n22;
GcIIc8q3a2: II n46
GcIIc9exp72: II n82;
GcIIc9exp472: II n82;
GcIIc10exp: II n122
GcIIc11exp: II n90
GcIIc8q3a3: II n134, n136

Ig:

Ipc2exp: II 92

In:

InIc1q1a2: III n220

InIc1q2a2: II n84, n88

Me:

Met3c1: II n52
Met4c3: I n19, n21; II n93

Ph:

Phprq1a3-5: III n162
Phprq2: II n47
Phprq5a4: II n148
PhIc1exp: II n141
PhIc2exp: II n45
PhIc1q4a1: II n99
PhIc2q1a1: II n43
PhIc7exp141: II n82;
PhIc9q9a1: III n210
PhIc9q12a7: III n190
PhIIc1q1a1: II n55, n114
PhIIc1q5a1: II n75, n82
PhIIc1q6a3: II n96
PhIIc1q7a1: II n82;
PhIIc7q3a1: III n224
PhIIc9q1a1: II n112
PhIIc9q1a2: II n63
PhIVc5q3a1: II n82

Qc:

Qcs1: II n121;

Qm:

Qms1: II n127
Qms3: II n154

Re:

Rec6: II n133

Sa:

Sac2q1a4: II n148
Sac23qua1: III n162

ÍNDICES ONOMÁSTICO E ANALÍTICO

- Achillini, A.: 64.
- Agostinho (S.): 38, 50, 66, 69, 70n, 73, 74, 77.
- Aho, T.: 61n.
- Alberto Magno: 16, 17.
- Alexandre de Afrodísia: 64.
- Alfarabi: 15n.
- Alhazen: 15n.
- Alma: 8, 52, 60, 61, 64, 69, 70, 72, 73. A. separada/separação da A.: 60, 61, 62, 64, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77; ciência da A.: 48, 49, 60, 65, 66, 67.
- Almeida, O.T.: 37n.
- Álvares, B.: 7, 60, 62, 66, 68, 72.
- Alvarez, L.: 32.
- Ambrósio de Milão: 52.
- Anaxágoras: 49.
- Andrade, A. B. de: 37n, 60n.
- Aristóteles: 7, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19n, 20n, 26, 28, 31, 34, 37n, 45, 47, 52, 56, 63, 65n, 67, 68, 69, 70, 72n, 76, 77.
- Arrais, Fr. A.: 31.
- Averróis: 64, 72n.
- Avicena: 15, 36, 63.
- Baciero, C. y L.: 11n.
- Bacon, F.: 56.
- Bakker, P.J.J.M.: 62n, 65n.
- Baldini, U.: 54n.
- Baptista, V.: 32.
- Barnes, J.: 68n.
- Baur, L.: 15n.
- Beleza: 8, 9, 31, 40-44, 45, 46, 50, 51, 52, 56, 57.
- Benigno Zilli, J.: 64n.
- Berbara, M.: 37n, 38n.
- Bernardi, A.: 33.
- Bernardo, L.M.: 13n, 15n.
- Bernini, G.L.: 42.
- Bessarion, B.: 65, 67.
- Bianchi, L.: 62n.
- Blasio de Parma: 64.
- Blum, P.R.: 61n.
- Boaventura (S.): 45.
- Boécio (M. Severino): 36.
- Borri, C.: 54.
- Boyle, R.: 28n, 34, 49.
- Brun, J.: 14n.
- Caetano: 69.
- Calado, J.: 41n.
- Calafate, P.: 35n.
- Calcídio: 17n.
- Camões, L.V. de: 37.
- Camps, M^a da C.: 9, 10, 12n, 14n, 15n, 16n.
- Cantista, M.J.: 77n.
- Carpentier, A.: 41n.
- Carvalho, L. de: 32.
- Carvalho, M.S. de: 10, 16n, 36n, 38n, 39n, 40n, 45n, 51n, 55n, 60n, 61n, 68n, 71n, 73n, 76n, 77n.

- Casalini, C.: 39n, 40n.
- Castelbranco, A. de: 32.
- Castellote, S.: 11n, 63n.
- Causalidade: 8, 26, 33, 39, 44-47, 49-53, 54, 55, 57.
- Cervantes, M. de: 31, 37n.
- Ciência: 9, 30, 31, 34, 37, 41, 49, 57; *vd.* Natureza, *vd.* Geometria, *vd.* Alma; *vd.* Perspetiva; *vd.* Física.
- Clavius, C.: 54.
- Compagni, V.P.: 64n.
- Conhecimento: 10, 60, 70, 71, 73, 75, 76, 77; progresso do C.: 74, 75, 77; metafísica do C.: 70-77; *vd.* Cor(es); *vd.* Natureza; *vd.* Alma.
- Copenhaver, B.: 64n.
- Coquelle, I.: 69n.
- Cor(es): 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 26, 30, 35, 46, 52, 59. C. permanentes ou verdadeiras: 19, 20-23, 24, 25, 27, 28n; C. fictícias, falsas ou aparentes: 17, 18, 19, 20-23, 24, 25, 27, 28n, 30; C. subjetivas e objetivas: 30; C. patológicas: 28, 30; C. físicas: 28, 29; C. químicas: 28, 29; C. fisiológicas: 28, 29, 30; *vd.* Luz, *vd.* Goethe.
- Corpo(s): 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 37, 52, 56, 71, 73, 77; *vd.* Alma; *vd.* Homem.
- Cosmos: *vd.* Natureza.
- Couto, Sebastião do: 7, 54, 55.
- Coxito, A.: 33n, 35n, 37n, 42, 44n.
- Criacionismo: 44-45; *vd.* Causalidade.
- De Boni, L.A.: 71n.
- Demócrito: 14, 49.
- Des Chene, D.: 35n, 36n, 62n.
- Descartes, R.: 16, 18n, 67, 70, 77.
- Deus : 31, 33, 39, 43, 44, 45, 46, 52, 70, 74, 75, 76; *vd.* Teologia; *vd.* Causalidade; *vd.* Natureza.
- Dias, J.S. da S. : 39n.
- Dinis, A. : 38n.
- Diógenes Laércio : 49n.
- Donato, G.: 64n.
- Doyle, J.P. : 45.
- Eastlake, L. : 28.
- Egídio, C : 32.
- Ehrard, J. : 34n.
- Elliot. J.H. : 38n.
- Empédocles : 49.
- Enenkel, K.A.E. : 37n, 38n.
- Epicuro : 14, 49.
- Evidência : *vd.* Conhecimento.
- Fernandes, A. : 32.
- Fernandes, L. : 32.
- Ferreira, M.J. do C. : 40n.
- Ficino, M. : 17n, 52, 65, 67.
- Filosofia natural : *vd.* Natureza; *vd.* Física.
- Fim : *vd.* Causalidade.
- Física: 7, 32, 33, 37, 39, 42, 49, 51, 53, 55, 56, 60, 64.
- Fonseca, P. da: 39, 45n, 54, 63.
- Forlivesi, M.: 34n.
- Fraga, G. de: 70n, 77n.
- Galeno: 15, 52, 68, 69.
- Galileu: 38n, 41.
- Garcia Valverde, J.M.: 62n.
- Genua, M.: 65.
- Geometria: 40- 44, 47, 53, 54, 55, 56, 57; *vd.* Beleza.
- Gerhardt, C.I.: 76n.
- Geyer, B.: 16n.
- Giard, L.: 37n.
- Gil, F.: 31.
- Gilson, E.: 18n, 72n.
- Goethe, J.W.: 8, 12, 16, 18n, 26, 28, 29, 30.
- Góis, Manuel de: 7, 8, 11, 12, 17, 19n, 20, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 39, 42, 52, 55, 56, 62, 64, 66, 70n, 72.
- Gomes, A.: 60n.
- Gomez, P.: 32.

Gómez Caffarena, J.: 45.
 Graça: *vd.* Teologia; *vd.* Natureza.
 Gracida, N. de: 32.
 Gregório de Nazianzo: 50.
 Hankins, J.: 61n.
 Hawenreuther, J.L.: 66.
 Hayduck, M.: 65n.
 Harmonia: 46-49, 56; *vd.* Beleza.
 Hegel, G.W.: 40, 42.
 Heidegger, M.: 7.
 Heinämaa, S.: 61n.
 Henrique de Gand: 45.
 Hermes Trismegisto: 67.
 Hermolao Bárbaro: 65n.
 Hevia Echevarría, J.A.: 39n.
 Hierarquia: 41, 46-49, 67; *vd.* Beleza, *vd.* Pseudo-Dionísio Areopagita.
 Homem: 30, 32, 38, 39, 40, 48, 49, 51, 52, 53, 57, 61, 77; *vd.* Alma.
 Hunain Ibn Ishaq: 15n.
 Imortalidade: *vd.* Alma.
 Intelecto: 36, 65, 68, 71, 73, 75, 76; *vd.* Alma, *vd.* Homem, *vd.* Conhecimento; *vd.* Separação.
 João Buridano: 16, 64.
 João de Sacrobosco: 55.
 João de Jandun: 64.
 Jorge, M.: 32.
 Kant, I.: 35, 40, 41, 56.
 Kirk, G.S.: 14n.
 Knobloch, E.: 54n.
 Koyré, A.: 53.
 Krings, H.: 34n.
 Lamanna, M.: 65n, 66n.
 Leibniz, G.: 31, 76.
 Leitão, H.: 41n, 54n.
 Leonardo da Vinci: 28.
 Leucipo: 14.
 Liberdade: *vd.* Homem.
 Lima, M. de: 32.
 Lindberg, D.C.: 13n, 14n, 15n.
 Louis, P.: 68n.
 Luís, P.: 32.
 Lutero, M.: 64, 66, 69.
 Luz: 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 24, 27, 28, 35, 37, 50, 51, 56, 75; *vd.* Cor(es).
 Mahoney, E.P.: 64n.
 Marguino, E.: 28.
 Marinheiro, C.: 38n, 51n.
 Marques, A.: 40n.
 Marsilio de Inghen: 64.
 Martínez, P.: 62.
 Martins, A.M.: 63n.
 Matemática: *vd.* Geometria.
 Medeiros, F.: 40n.
 Meirinhos, F.: 71n, 77n.
 Melanchton, Ph.: 66.
 Metafísica: 7, 8, 10, 33, 36, 47, 55, 60, 76; *vd.* Conhecimento; *vd.* Física.
 Micheli, G.: 49n.
 Mohler, L.: 65n.
 Molina, L. de: 39.
 Mundo: *vd.* Natureza.
 Natureza: 8, 9, 16, 30, 31, 32, 33, 34-57; *vd.* Cor(es); *vd.* Beleza; *vd.* Geometria.
 Newton, I.: 16.
 Nicolau de Amesterdão: 64.
 Nifo, A.: 65, 66, 68.
 Nunes, P.: 54.
 Olave, M. de: 36.
 Ótica: *vd.* Perspetiva.
 Pacheco, M.C.: 71n.
 Palestrina, P.L. da: 42.
 Panti, C.: 16n.
 Patar, B.: 16n.
 Paulo de Veneza: 64.

Pelleand, G.: 69n.
 Penzo, G.: 34n.
 Pereira, D.P.: 37.
 Perspetiva: 12, 30; *vd.* Cor(es).
 Peterson, M.: 41n.
 Picard, G.: 69n.
 Pico della Mirandola: 67.
 Platão: 14n, 17, 56, 65n, 68, 69, 72n.
 Platt, A.: 68n.
 Plenitude: *vd.* Natureza.
 Polansky, R.: 21n.
 Pomponazzi, P.: 62, 64.
 Pórcio, S.: 28, 62, 69.
 Pozzo, R.: 64n.
 Pseudo-Dionísio Areopagita: 47, 72n.
 Psicologia: *vd.* Alma.
 Randles, W.G.L.: 37n.
 Raven, J.E.: 14n.
 Renan, E.: 62.
 Roberto Grosseteste: 15, 16n.
 Rohden, V.: 40n.
 Rutherford, D.: 35n.
 Sá, A.M. de: 60n.
 Salatowski, S.: 64n, 66n, 69n, 77n.
 Saraiva, L.: 54n.
 Scarmiglione de Fuligno, A.: 28.
 Schmitt, C.B.: 64n.
 Selles, F.: 71n.
 Sentidos: 13, 14, 15, 19, 22, 26, 28, 29, 30, 48, 59; *vd.* Conhecimento.
 Separação: 9, 59, 60, 61, 63, 67-77; *vd.* Conhecimento; *vd.* Metafísica.
 Simplício: 65.
 Soares, N.C.: 68n.
 Soto, D. de: 41.
 Spaemann, R.: 34n, 56n.
 Sturmius, C.: 34, 49.
 Suárez, F.: 8, 11, 12, 21, 22, 23, 25, 26, 29, 30, 39, 60, 62, 63, 66, 69.
 Telésio, B.: 49.
 Temístio: 65.
 Teofrasto: 28n.
 Teologia: 38, 39,
 Thijsen, J.M.M.H.: 62n.
 Toledo, F. de: 62, 66, 70n.
 Tolosa, I. de: 32.
 Tomás de Aquino: 21, 36, 66, 67, 71n, 72n, 74.
 Trebizonda, J.: 65n.
 Uno: 46-49; *vd.* Beleza; *vd.* Deus.
 Wallace, W.: 41n, 54.
 Wittgenstein, L.: 59.
 Van Riet, S.: 15n.
 Vasconcelos, A. de: 32.
 Vaz, G.: 32.
 Verbeke, G.: 15n, 63n.
 Vernia, N.: 65.
 Vicente, G.: 38.
 Vio, T.: *vd.* Caetano.
 Virgílio: 16.
 Zabarella, J.: 62, 65, 66.